

entrevista



**RUDOLF
SCHMITT**

por Adriano Dias de Andrade,
Eduardo Cesar Maia
e Igor Andreas Bandim

Tradução: Adriano Dias de Andrade

Rudolf Schmitt é graduado em Psicologia e Literatura Alemã e recebeu seu ph.D. também em Psicologia. De 1985 a 1997, trabalhou em serviços sociais e com clínica psiquiátrica. Desde 1997, é professor de Aconselhamento Psicológico e Métodos de Pesquisa na Faculdade de Ciências Sociais da Hochschule Zittau/Görlitz, Alemanha. O seu foco de pesquisa, que é o tema desta entrevista para a *Estudos Universitários*, é o método da análise metafórica no âmbito das ciências sociais.

Para Schmitt, antes de tudo, a nossa vida em comunidade só é plausível com metáforas. Em sua perspectiva, devedora direta das contribuições de Lakoff e Johnson, e no caminho contrário ao de al-

gumas tradições filosóficas influentes, as metáforas não são apenas um “adorno” linguístico, algo que usamos meramente para embelezar os discursos: elas desempenham funções cognitivas e pragmáticas fundamentais da linguagem: “As metáforas nos fazem lembrar das origens sensoriais do nosso pensamento [...]. Assim, nos prometem dar acesso a um modo de pensamento que é ‘rico’, por um lado, e ‘original’, por outro – o que talvez explique ‘tanta curiosidade sobre o fenômeno’”.

Nas próximas páginas, o leitor poderá perceber que o tema é de fundamental importância em diversas áreas do conhecimento, e tem adquirido um lugar de destaque, principalmente, nas chamadas Humanidades.

*É possível vivermos
sem metáforas?*

A pergunta – “É possível vivermos sem metáforas?” – está expressa na forma de uma reificação, como: “É possível vivermos sem água, ar, comida ou uma determinada pessoa?” Lakoff e Johnson então diriam que essa pergunta é determinada por uma metáfora de substância, como é o caso também de muitos outros conceitos abstratos. Se aceitarmos a ampla definição de metáfora por Lakoff e Johnson (falaremos nela mais adiante), só é possível vivermos *com* metáforas.

*Se considerarmos
a contribuição de
Aristóteles para a
filosofia, as metáforas
têm sido estudadas
na tradição ocidental
há pelo menos 2.000
anos. O que explica
tanta curiosidade
sobre o fenômeno?*

O filósofo da hermenêutica Hans-Georg Gadamer sugeriu que as metáforas foram a forma inicial da classificação por similaridades, absorvida mais tarde por um sistema de conceitos que parecia lógico (Gadamer em *Verdade e método*, p. 433 da edição alemã de 1986 de suas *Obras reunidas*, editora Mohr). No entanto, do ponto de vista da análise de metáforas, esse sistema consiste, ele mesmo, de metáforas, isto é, a metáfora da hierarquia da abstração de baixo (concreto) para cima (abstrato) e a metáfora do esquema do contêiner para as classes de conceitos... As metáforas nos fazem lembrar das origens sensoriais do nosso pensamento (vou chegar em Piaget em algum momento), e o filósofo Hans Blumenberg acredita que em filosofia também há “metáforas absolutas”, que não podem ser convertidas em conceitos. As metáforas, assim, nos prometem dar acesso a um modo de pensamento que é “rico”, por um lado, e “original”, por outro – o que talvez explique “tanta curiosidade sobre o fenômeno”.

“

8

As metáforas, assim, nos prometem dar acesso a um modo de pensamento que é ‘rico’, por um lado, e ‘original’, por outro – o que talvez explique ‘tanta curiosidade sobre o fenômeno’

A metáfora designa um objeto com o nome de um outro, com base numa relação de semelhança. Essa ainda é uma noção válida?

Se aceitarmos a definição de metáfora de Lakoff e Johnson, teremos exatamente o oposto: “A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa nos termos de outra” (em *Metaphors we live by*, de 1980). De acordo com essa lógica, a designação metafórica é que é o original, e ela consiste na transferência de similaridades percebidas.

*Quando *Metaphors we live by*, de Lakoff and Johnson (1980), foi lançado, a pesquisa sobre metáfora ganhou novo fôlego e popularidade, especialmente entre linguistas. O que essa abordagem trouxe de novidade e quais são seus precursores?*

Desde 1980, as metáforas não têm sido mais uma “decoração” meramente retórica. A definição expandida de metáfora de Lakoff e Johnson reabriu a discussão sobre o papel das metáforas nas áreas das funções cognitivas (em sentido amplo) e pragmáticas da linguagem. Muitos autores na filosofia pensaram numa direção similar: Giambattista Vico, Friedrich Nietzsche e Max Black, por exemplo. Max Black parece ter se inspirado no trabalho do psicólogo alemão Karl Bühler. Olaf Jäkel clarificou as contribuições de outros importantes predecessores (num artigo intitulado “Kant, Blumenberg, Weinrich: some forgotten contributions to the cognitive theory of metaphor”, de 1997).

*Em *Análise sistemática de metáforas* (Editora UFPE, 2017), o senhor propõe alguns procedimentos metodológicos para o estudo das metáforas nas ciências humanas e sociais. Qual é a importância do fenômeno para essas áreas?*

A definição expandida, segundo a qual a essência da metáfora é “compreender e experienciar uma coisa nos termos de outra”, toca em aspectos centrais da psicologia (psicologia do desenvolvimento, psicologia clínica e cognitiva) e também da sociologia e dos estudos culturais, porque nenhum indivíduo reinventa constantemente sua própria língua. Pelo contrário, nós somos socializados dentro de um pensamento cultural e de possibilidades de linguagem. Sempre houve ligações entre essas disciplinas e as ciências linguísticas, mas na minha opinião nunca houve uma conexão tão produtiva.

Como o estudo da metáfora pode contribuir para atenuar o que o senhor chama de os “déficits cognitivos e ideológicos” das metáforas?

Eu vejo uma série de técnicas centrais que podem ser usadas para reconstruir déficits cognitivos e funções ideológicas de metáforas. Uma análise dessa natureza começa com uma completa identificação das metáforas utilizadas e uma reconstrução confiável dos conceitos metafóricos. Seguindo Lakoff e Johnson, nós iniciamos com a reconstrução dos “realces” de uma metáfora. O que a metáfora põe em evidência, e a quais interesses e funções essa construção serve? Uma vez

que trabalhemos esses “realces”, é mais fácil determinar de que modo a metáfora está ocultando significados. De quem são os interesses que essa metáfora não favorece, e quais funções ela não assume? Outra forma de reconstruir déficits escondidos e funções ideológicas de um conceito metafórico é compará-lo a conceitos metafóricos outros e contrastantes e suas implicações, a fim de se chegar às especificidades de um conceito por meio do contraste.

Como a análise de metáforas pode ajudar na reconstrução de motivações para a ação humana?

Raymond W. Gibbs Jr. e Jeffery Scott Mio foram os primeiros a usar estudos de psicologia experimental para reconstruir as consequências do pensamento metafórico para a ação. Há também uma longa tradição em ciência política de refletir sobre as consequências das metáforas para as ações políticas. Citaria, por exemplo, além dos trabalhos de Gibbs e Mio, o volume organizado em 2009 por Kathleen Ahrens (*Politics, gender and conceptual metaphors*).

Como a “análise sistemática de metáforas” auxilia a compreensão de fenômenos culturais e políticos? O senhor diria que essa abordagem pode contribuir para a resolução de problemas concretos nas esferas política e social?

Para começar, precisamos pensar sobre a diferença entre o sistema da ciência e os sistemas da prática. Luhmann ressalta que não podemos intervir, com resultado, num sistema que reage principalmente a si mesmo. No entanto, é concebível que as pesquisas acadêmicas tenham efeitos moderados sobre a prática. Os estudos acadêmicos ajudam a diminuir a rapidez das ações da prática que geralmente são realizadas sem reflexão, e ajudam na reflexão sobre elas. Os estudos acadêmicos – e aqui na forma da análise sistemática de metáforas – podem chamar a atenção para como nos tornamos prisioneiros de padrões automáticos de pensamento, e discutir metáforas alternativas já disponíveis. Os estudos acadêmicos também podem ajudar a expandir os pensamentos que potencialmente venhamos a ter e, assim, nos levar a diferentes soluções. Donald A. Schön, por exemplo, discute em seu clássico artigo sobre “metáforas geradoras” um problema sociopolítico, comparando as implicações conflitantes de duas metáforas do planejamento urbano (o artigo está no volume *Metaphor and thought*, organizado por Andrew Ortony, com primeira edição em 1979). Quando as favelas são percebidas como “tumores cancerosos” que estão “devorando as cidades”, o único recurso possível é radical, medidas “incisivas” de destruição,

reassentamento e outros atos de força. Mas, quando as favé-
las são descritas como unidades orgânicas, podem ser desen-
volvidas intervenções que melhorem o funcionamento desse
organismo. Ele usa esses “frames conflitantes” como exemplo,
para mostrar que eles estão organizados a partir de uma única
metáfora “geradora” central, que está por trás de uma solução
aparentemente plausível. Isso não significa necessariamente
que a metáfora “orgânica” é sempre a melhor, mas cria-se um
espaço para que reflitamos sobre o nosso próprio pensamento.

*De acordo com Oli-
ver Reboul, em seu
famoso livro sobre
retórica, o discurso
pedagógico é ca-
racterizado por uma
abundância de figu-
ras, principalmente
metáforas. Como
o senhor enxerga
o papel das metá-
foras no processo
de aprendizagem?
E qual é o lugar das
metáforas no discur-
so educacional?*

Eu começarei com a primeira questão, “o papel das metáforas no processo de aprendizagem”. Aqui eu tenho de trazer Piaget – o primeiro autor a quem Lakoff e Johnson se referem no seu primeiro livro [*Metaphors we live by*, 1980]. Eles adotam de Piaget a ideia dos esquemas básicos que nós adquirimos em contato direto com o mundo e que depois transferimos para esquemas mais abstratos ou para novas áreas. Infelizmente, Lakoff e Johnson não desenvolveram essa referência um pouco mais. Nós podemos acrescentar o seguinte: de acordo com Piaget, a aprendizagem consiste em alterar nossos próprios esquemas (acomodação), porque eles já não são mais eficazes para lidar com o mundo, ou em assimilar conhecimento detalhado aos nossos esquemas, os quais se tornam mais ricos e mais completos (assimilação). Harald Gropengießer trouxe a conexão entre Piaget e Lakoff para a pedagogia. Ele pressupõe que os estudantes não chegam às escolas ou universidades como “tábulas rasas”, mas com seus próprios esquemas metafóricos do mundo. Por outro lado, as matérias a serem ensinadas estão também repletas de metáforas. Para Gropengießer, a pedagogia consiste em encontrar caminhos didáticos entre os dois mundos de metáforas, a fim de enriquecer e diferenciar a imaginação metafórica dos aprendizes. (O trabalho de Gropengießer, com K. Niebert, está num volume de 2013 organizado por Plomp e Nieveen, disponível online: http://international.slo.nl/bestanden/Ch01-51_total.pdf/.)

Com relação à segunda questão, “o lugar das metáforas no discurso educacional”, começo dizendo que a educação é um processo extremamente complexo, no qual o mundo interno de uma pessoa (primeiro sistema) é introduzido ao mundo exterior, ou seja, à sociedade e à cultura atuais (terceiro sistema), através de uma relação com outra pessoa (segundo sistema).

Cada sistema reage principalmente a si mesmo, e intervenções diretas frequentemente resultam numa reação diferente da que era esperada. Portanto, ter filhos e educá-los é (assim como a psicoterapia) o processo mais complexo e imprevisível deste mundo. Para entender ou acreditar que entendemos tal complexidade, nós precisamos reduzi-la. Isso é exatamente o que as metáforas fazem na educação. Elas reduzem um número infinito de processos possíveis às imagens do *caminho*, do *crescimento* e de *ver* – para citar apenas algumas importantes metáforas pedagógicas. A pedagogia tenta compreender o que acontece – e, em vista dessa riqueza de vida, isso não pode ter êxito sem uma simplificação auxiliada por imagens.

Em Análise sistêmica de metáforas, o senhor menciona que o uso psicoterapêutico da metáfora tem uma longa tradição. Em que sentido a metáfora pode ser considerada uma ferramenta terapêutica?

“Ferramenta” é já uma metáfora, e pré-estrutura nossa compreensão da terapia como uma ação na qual nós reparamos objetos que não funcionam adequadamente. A metáfora da ferramenta implica algo que pode ser controlado. As intervenções segundo essa metáfora são intencionais e planejadas e são o resultado do uso bem-sucedido de habilidades. Mas essa metáfora esconde a importância do relacionamento na psicoterapia e a necessidade do trabalho em conjunto. Eu acho uma metáfora bastante problemática para se usar em relação à psicoterapia. A psicoterapia levanta alguns problemas similares aos da educação (e, certamente, também alguns diferentes). Nós estamos preocupados com pessoas cujos esquemas metafóricos as levam a serem infelizes (ou a tornarem infelizes outras pessoas), mas elas não têm a liberdade para se compreenderem melhor e agirem diferentemente. No entanto, psicoterapeutas também são pessoas, isto é, pessoas que reagem a outras pessoas de acordo com suas próprias metáforas e com as metáforas do seu treinamento profissional (portanto, sua compreensão também é limitada). Nessa perspectiva, isso é um problema primeiro de reconstrução do sistema metafórico do paciente numa atmosfera receptiva, e de compreender as razões pelas quais essas metáforas têm servido para ele ou ela (os “realces”). Também pode ser que esses esquemas tenham sido responsáveis por permitir a sobrevivência dessa pessoa numa situação traumática – mas, posteriormente, passaram a atuar como obstáculos na vida. Os próximos passos são trabalhar as fronteiras e as sombras (encobrimentos) desses padrões metafóricos e fortalecer novamente antigos modos alternativos

de pensar e agir, ou aprender novos. Dependendo do tipo de terapia, isso pode consistir em técnicas e práticas criativas. Assim, nessa perspectiva, nós não estamos preocupados com as metáforas como “ferramentas” da psicoterapia, mas com o trabalho reflexivo conjunto sobre os esquemas metafóricos dos pacientes. Richard Kopp foi o primeiro a desenvolver essa perspectiva (com *Metaphor therapy*, de 1995).

No Brasil e no mundo, inúmeros livros e artigos têm sido publicados, e muitos eventos acadêmicos sobre o papel da metáfora na linguagem e no pensamento têm sido realizados anualmente. Ainda há o que se descobrir sobre o fenômeno? Quais são os desafios para as novas gerações de pesquisadores?

Eu devo admitir que não conheço a literatura produzida sobre o fenômeno em português. Eu só posso responder pela produção em inglês e alemão. Eu vejo os seguintes desafios para as próximas gerações de pesquisadores:

a) Um problema consiste no fato de que, enquanto Lakoff e Johnson estão sendo citados mais e mais frequentemente, a recepção do seu trabalho tem sido apenas superficial, e, portanto, esse conhecimento tem se limitado ao seu primeiro livro. A consistência interna do seu pensamento é frequentemente incompreendida, apesar de algumas rupturas incômodas entre seus diferentes trabalhos.

b) Um segundo problema consiste no fato de Lakoff e Johnson não se compreenderem e apresentarem sua forma da análise de metáforas como uma coleção positivista de “achados” e “descobertas”. Eles não compreendem que o reconhecimento de metáforas, a reconstrução de conceitos metafóricos

“

Nós estamos preocupados com pessoas cujos esquemas metafóricos as levam a ser infelizes (ou a tornar infelizes outras pessoas), mas elas não têm a liberdade para compreender-se melhor e agir diferentemente

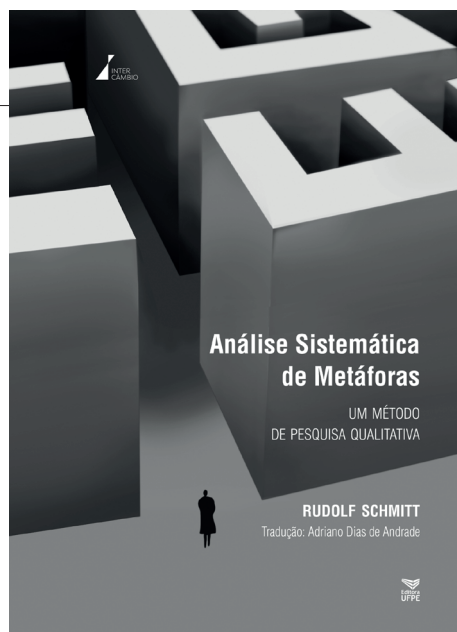
e as conclusões a que chegam (a identificação dos “encobrimientos” e “realces”) são atos hermenêuticos. Como alguém pode ser compreendido, se não se compreende? Os autores deveriam ter discutido a história e a teoria da hermenêutica. Eu defendo que Lakoff e Johnson fundaram uma nova e especial hermenêutica sem se darem conta disso.

c) Há algumas conexões iniciais que traduzem a ideia de conceito metafórico para outras disciplinas de outras ciências humanas. Sociólogos, por exemplo, estão preocupados com a questão de como a noção de conceito metafórico de Lakoff e Johnson se relaciona com conceitos como “*habitus*” (Bourdieu) e “discurso” (Foucault). Outras conexões teóricas também são possíveis.

d) Um quarto desafio consiste em tornar o trabalho de Lakoff e Johnson frutífero para as ciências aplicadas – eu já mencionei mais acima a pedagogia e a psicoterapia. Nas áreas da tradução há, hoje em dia, uma vasta literatura; contudo, nenhum outro campo de aplicação parece ter sido desenvolvido.

Em A metáfora viva, Ricoeur afirma que uma das funções da metáfora linguística – diferente, para ele, da metáfora estética – é “forjar novos termos” e “suprir a indigência da palavra”. É possível atribuir um caráter autenticamente fundador à metáfora? A metáfora é, de fato, capaz, através das combinações e relações que estabelece, de “expandir” as fronteiras da língua?

Com “forjar novos termos”, “caráter fundador” e “expandir as fronteiras da língua”, nós estamos num mundo imaginário-metafórico completamente diferente. No entanto, aqui nós estamos no campo das “metáforas absolutas” (Blumenberg), as quais não podemos substituir por conceitos. Então, eu responderei com metáforas. Eu não sei se as metáforas realmente “expandem as fronteiras da língua”. Uma resposta mais humilde e cética poderia ser que as metáforas abrem novas formas de pensar e viver no espaço das possíveis combinações humanas. Ao responder a questão: “Qual é o seu objetivo em filosofia?”, Wittgenstein replicou: “Mostrar à mosca a saída da armadilha da garrafa” (*Investigações filosóficas*, §309). Meu objetivo mais modesto, enquanto pesquisador empiricista, seria ver se há alternativas produtivas para a imagem do mundo como uma “armadilha da garrafa”. ❧



A REALIDADE ATRAVÉS DAS METÁFORAS

Em *Análise sistemática de metáforas: um método de pesquisa qualitativa*, do professor alemão Rudolf Schmitt, o leitor brasileiro é apresentado ao estado da arte da pesquisa de metáforas no domínio transdisciplinar das ciências sociais e humanas. A tradução é de Adriano Dias de Andrade, também pesquisador da metáfora, com tese de doutorado em Linguística (UFPE) sobre o tema.

